

Gabriela Medina Xavier

A PERDA DO FILHO: Uma dor de difícil cicatrização

Palmas – TO

2015

Gabriela Medina Xavier

A PERDA DO FILHO: Uma dor de difícil cicatrização

Trabalho elaborado e apresentado como requisito final

para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II (TCC II) do curso de bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Profa. M.Sc. Carolina Santin Cotica.

Palmas – TO

2015

Dados Internacionais da Catalogação na
Publicação

Xavier, Gabriela Medina X3p A perda do filho: uma dor de difícil cicatrização /
Gabriela

Medina Xavier - Palmas, 2015
39fls.29 cm.

Orientação: Profa. Carolina Santin Cotica TCC (Trabalho de
Conclusão de Curso) Psicologia - Centro Universitário Luterano de
Palmas. 2015

1. Morte – Luto. 2. Pais enlutados. I.Cotica, Carolina Santin.
II. Título. III. Psicologia

CDU: 159.9.019.4

Gabriela Medina Xavier

A PERDA DO FILHO: Uma dor de difícil cicatrização

Trabalho de Conclusão de Curso II (TCC II) elaborado e apresentado como requisito final para obtenção do título de bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Profa. M.Sc. Carolina Santin Cotica.

Aprovado em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Profa. M.Sc. Carolina Santin Cotica

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Prof. M.Sc. Wayne Francis Mathews

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Profa. Dra. Jaci Augusta Neves de Souza

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Palmas – TO

2015

Dedico este trabalho em especial aos meus familiares, principalmente aos amores da minha vida, meus pais Antônio, Josieide, Madalena e Marcos. Eu os amo incondicionalmente e obrigada por tudo. Aos meus irmãos Pedro, Joaquim e Angélica obrigada pelo companheirismo. Ao meu namorado Paulo Henrique que não mediu esforços em me ajudar em tudo que precisei, obrigada amor. Agradeço a todos que participaram de forma direta e indireta para que eu chegasse até aqui.

Dedico também a minha sobrinha amada Marina, que nos fez passar um susto neste início de ano, mas que graças a Deus está cheia de saúde e amor, tia te ama demais pedrinha preciosa.

Por fim, dedico àqueles pais e familiares que passaram por perdas de difíceis cicatrizações.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente ao amor da minha vida, Deus. Como agradecer-te? Obrigada pela sua infinita graça e amor.

Agradeço aos meus pais, pelo cuidado, amor, motivações e apoio, tudo isso é para vocês.

Aos meus familiares, irmãos, avós, tios, tias, primos, primas, que incentivaram e apoiaram em minha formação, vocês são demais.

Ao meu amor, que me ajudou tanto, agradeço pelo apoio, amor, paciência e

por estar comigo sempre.

Aos meus amigos, desde os mais pertos a aqueles que moram longe, aos que a faculdade me presenteou para a vida toda, agradeço também a minha Igreja do Nazareno e aos meus pastores, amo vocês.

Agradeço aos mestres, sem vocês não poderia percorrer esses anos de ensinamentos, obrigada por me ensinarem tão bem a arte da psicologia.

Agradeço a minha orientadora Carolina Santin Cotica pelo seu conhecimento, colaboração, pelas escutas, acolhimento, incentivo, gentileza, atenção e disponibilidade em me ajudar desde o início.

Agradeço ao Wayne e Jaci, que contribuíram ainda mais para este trabalho, com sugestões e correções, além de me ajudarem muito, obrigada.

Enfim, Obrigada a todos que me ajudaram a chegar aonde cheguei e principalmente por me ajudarem a crescer, não somente como futura profissional, mas também como pessoa. Vocês foram e são fundamentais em minha vida.

“Você não vai receber outra vida como esta. Você nunca vivenciará o mundo exatamente desta maneira, com esses pais, filhos, familiares, amigos. Nem experimentará a terra com todas as suas maravilhas novamente neste período da História. Não espere o momento em que desejará dar uma última olhada no oceano, no céu, nas estrelas, ou nas pessoas queridas, vá agora” (Kessler e Kubler- Ross, 2005, p.

RESUMO

XAVIER, Gabriela Medina. **A PERDA DO FILHO: Uma dor de difícil cicatrização.** 2015. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Psicologia, pelo Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas/TO, 2015.

A morte, seja ela em que âmbito aconteça, sempre foi uma grande indagação para o ser humano e ter consciência da finitude da vida permitiu o homem refletir sobre sua existência. A morte faz parte do ciclo vital e por isso está intimamente vinculada à vida. Na psicologia o luto é entendido como uma vivência de perdas significativas. Frente a essa realidade, este estudo direciona-se a descobrir estratégias psicológicas para pais que convivem com a dor da perda do filho, com método exploratório, acerca dos artigos científicos de estudo a campo dentro da temática proposta. O trabalho relata também como as famílias passam pelo processo de perda. Podemos destacar que em consequência da morte do filho, o luto de pais pode apresentar fases mais complicadas, no que se refere o não desenvolvimento do luto de forma benéfica. Dor e saudades são os sentimentos que envolvem a morte do filho. Os pais e familiares buscam estratégias de enfrentamento para amenizar e vivenciar o processo de luto mais saudáveis e assim dando continuidade em suas vidas.

Palavras-chave: Morte, luto, pais enlutados, perda do filho, família enlutada.

ABSTRACT

XAVIER, Gabriela Medina. **A PERDA DO FILHO: Uma dor de difícil cicatrização.** 2015. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Psicologia, pelo Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas/TO, 2015.

Death, in either which context it occurs, always was a big matter for humans, and to be aware of the finitude of life enabled people to reflect on their existence. Death is part of the life cycle and therefore is closely connected to lives. In Psychology, grief is understood as an experience of significant losses. Faced with this reality, this study is intended to find psychological strategies for parents living with the pain of the loss of a child, using an exploratory method, and scientific articles of field studies within the proposed theme. This study also describes how families go through the process of loss. We can point out that as a result of a child's death, the grieving parents may present more complicated phases, concerning the inability to mourn in a beneficial way. Pain and longing are the feelings surrounding the death of a child, and parents and family seek coping strategies to deal with the loss and go through the grieving process in a more healthy way and, along these lines, continue their lives.

Keywords: Death, grief, grieving parents, loss of a child, the grieving family.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Apresentação dos artigos que foram pesquisados através do Google Acadêmico os quais fizeram parte e atenderam aos critérios de inclusão previstos para o desenvolvimento do trabalho.....	30
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEULP Centro Universitário Luterano de Palmas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1 Sobre Morte e luto	15
2.1.1 <i>As fases do luto</i>	16
2.1.2 <i>Sentimentos frente à perda</i>	18
2.2 Família e seus laços afetivos	19
2.2.1 <i>As consequências da morte do filho</i>	21
2.3 Desenvolvendo o luto	23
2.3.1 <i>Reorganização familiar</i>	24
2.3.2 <i>Espiritualidade</i>	25
2.3.3 <i>O papel do psicólogo na demanda de luto dos pais</i>	26
3 METODOLOGIA	28
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO	30
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	35

INTRODUÇÃO

A morte é a certeza da existência humana e por mais detalhada que se possa descreve-la, parece não traduzir seguramente o significado de tal acontecimento. Desde a segunda metade do século XIX o assunto morte era tratado como um tabu. Já no século XX com o avanço da medicina a morte muda de significado, o moribundo

não sabia somente sobre sua própria morte, mas também do direito a ela (ARIÉS, 2003). Walsh e McGoldrick (1998) afirmam que estar de frente com a morte e a perda é uma das experiências mais difíceis que uma família pode enfrentar, se tratando de um processo doloroso para a família enlutada, mesmo sabendo que a morte um dia acontecerá.

A morte nos ensina que não sabemos sobre o futuro e que é necessário lidarmos permanentemente com o desconhecido, com o fato de que precisamos correr riscos e criar possibilidades de fechar situações inacabadas, ou seja, é preciso acreditar que somos capazes de pensar em coisas interessantes para trabalhar a vida e a morte (FUKUMITSU, 2004, p. 29).

Jaramillo (2006) diz que tal sofrimento permanece pelo fato da morte não ser incluída no cotidiano das pessoas, ou seja, as pessoas não pensam na morte, o que pode as desesperar quando vivenciada a de frente. Toda esta angústia faz com que se estenda ou impeça que os pais ou a família desenvolvam luto de forma saudável, pois quando entram em contato com a morte do outro faz com que reflitam sobre sua própria finitude. Segundo Passos (2005), “evitar falar sobre a morte é uma das formas que utilizamos para nos defender ou nos pouparmos do sofrimento”.

Para Parkes (1998) o luto é uma experiência significativa que pode ocasionar diversas reações psicológicas. O papel da psicologia é fundamental para descobrir os métodos de intervenções a serem usados, entendendo as diferentes reações e formas de desenvolvimento do luto de pais. O desenvolvimento deste luto pode ter tempo variável, de acordo com a vontade e entrega da pessoa de superar a dor que sente. Por um lado, existem aqueles que conseguem elaborar melhor a dor. Em outros casos, existem pessoas que não conseguem suportar a dor e começam a vivenciar um sofrimento intenso, por não aceitar a morte do filho, podendo desencadear outros traumas. Este trabalho é de natureza qualitativa, com objetivo metodológico exploratório

e tem como objetivo geral apresentar o papel da psicologia nas estratégias de

14

enfrentamento de pais que convivem com a dor da perda do filho. O estudo buscou abordar sobre morte e luto, foi descrito como a família lida com a perda, foi identificado quais as consequências da perda do filho na vida dos pais, incluindo todo o sistema familiar e o processo de elaboração do luto, reorganização familiar e o papel do psicólogo nesse processo de perda. Assim, o tema foi escolhido em razão dos questionamentos referentes ao papel da psicologia na demanda de morte/luto, especialmente quando são os pais que passam pela perda de seus filhos.

Vale ressaltar que este trabalho possui uma visão extensa, visto que a morte é um assunto que transpassa diferentes contextos e culturas. A partir deste conhecimento, pode-se desenvolver estratégias psicológicas para trabalhar com a demanda de pais enlutados e seus familiares, ampliando este conhecimento sobre o assunto abordado para realização de mais pesquisas sobre o presente tema.

15

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Sobre morte e luto

“Quando retrocedemos no tempo e estudamos cultura e povos antigos, temos a impressão de que o homem sempre abominou a morte e, provavelmente, sempre a repelirá” (KUBLER-ROSS, 1998, p. 6). O ser humano nasce, vive e morre, ninguém pode escapar desse ciclo, por isso é necessário falar sobre o início da vida (nascimento) e o final da vida (morte). A única certeza que o homem tem e carrega

por toda a existência é que todos os seres vivos irão fechar seu ciclo vital.

“Não se tem uma definição certa para o significado de morte o que temos é a total certeza que todos morreremos um dia, a morte é tratada como um fato, uma vivência. [...] A morte silencia o som, mas exige do ser humano uma continuidade do tom e do ritmo “ (ODDONE; FUKUMITSU 2008).

Nota-se que uns temem a própria morte e outros temem a morte de pessoas queridas.

[...] Temer a morte significa temer o desconhecido e todas as novas situações provocadas pelas perdas. Concomitantemente, as perdas se apresentam como um fenômeno universal, que acompanham a evolução das pessoas. Estamos perdendo sempre, não só pela morte das pessoas queridas, mas também quando deparamos com as mudanças da vida (ODDONE; FUKUMITSU, 2008, p. 13 - 14).

“A morte deixou de ser algo natural da vida, passando a ser negada cada vez mais pelo homem. Se antes as pessoas preferiam morrer lentamente ao lado da família, agora é preferível a morte instantânea e solitária, para evitar sofrimento tanto para o doente quanto para os familiares” (AUGUSTO, 1994).

O luto acontece decorrente de uma perda e da ausência significativa de algo ou alguém. A partir de tal sentimento, pode-se ter algumas reações, sejam elas as de ajuda de passar pelo o processo de luto a curto prazo ou a longo prazo.

“O processo de luto inclui uma variedade de sentimentos, pensamentos e reações. [...] O luto não experienciado e não respeitado pode dificultar nosso crescimento. Dentro da visão existencialista, o homem é aquilo que escolhe ser. Por muitos momentos, a experiência da perda provoca sentimentos, dos quais não temos nenhuma escolha, além de aceitar a experiência de per si. É como se o caminho que cada um percorresse já estivesse traçado, mas, ao mesmo tempo, podemos apoderar desse caminho. [...] O luto não precisa necessariamente ser terminado, concluído; é, sim, um processo que precisa ser experienciado como parte de nosso desenvolvimento. O deformar-se provém da dificuldade da apropriação de todo esse caminho e da falta de

percepção do nosso processo de luto e das nossas próprias dores”
(FUKUMITSU, 2004, p. 9 e 22).

O processo de luto é doloroso, o enlutado deve passar por um processo de aceitação da realidade, lidando com a falta, o vazio de dentro, o não convívio com a pessoa que se foi. Oddone e Fukumitsu (2008) assegura que quando alguém morre, é preciso reconsiderar o que morreu dentro daquele que sofreu a perda, o que se foi com a pessoa e o que pode ser feito com a ausência provocada por aquela morte. As estratégias de enfrentamento no processo de luto precisam ser renovadas a cada instante, uma vez que toda situação de morte é vivenciada de maneira particular e nova.

No caminho do luto, a tarefa é transformar afeto em lembrança, ficando cada vez mais leve, na medida em que também diminuem os remorsos, as exigências e cobranças por ações não realizadas, se aceitarmos que os fenômenos vivos são impermanentes, que eles mudam, poderemos aprender a separar. Empreender uma reconciliação consigo, com os outros e com a vida, depois de vivência de perdas, é uma tarefa que requer esforço, humildade, humor, flexibilidade e fé (TAVARES, 2011, apud ODDONE; FUKUMITSU, 2008, p.63).

Freitas (2013) afirma que o luto decorrido da morte de um ente querido é mais do que uma vivência dura é uma evocação de nossa condição mortal, assim como a morte é inevitável e irreversível. O enfrentamento é intenso, duro, difícil.

“Temos sempre a possibilidade de superação. Contudo, deve-se contar com o heterossuporte para lidarmos com os sentimentos do luto e, a partir do momento em que o enlutado compartilha seus sentimentos, lembranças e pensamentos com uma pessoa disponível, ele pode assimilar – ou pelo menos tentar compreender – seu ser-em-situação. A liberdade no processo de luto, portanto, é uma liberdade limitada, pois o indivíduo enlutado está envolvido com o mundo, com a qualidade relacional com o objeto perdido. [...] uma realidade sobre a qual não teve controle, ou seja, não nos preparamos para perder ou morrer” (ODDONE; FUKUMITSU, 2008, p. 22).

2.1.1 As fases do luto

As fases do luto são vivenciadas por cada pessoa ou família de formas diferentes, são diversas as reações. Fukumitsu (2004) afirma que “não se pode mudar o fato ocorrido, mas, se pode mudar a forma de percebermos a situação. [...] tem aquelas pessoas que percorrem o processo de luto de maneira inesperada,

17

precisaram dizer adeus forçosamente. [...] em situações de morte de um ser amado, não é incomum querer estar morto também”.

Bowlby (1993) refere-se ao luto dividindo-os em quatro fases:

- Primeira fase: Entorpecimento - É quando a pessoa se nega a compreender o fato ocorrido, desenvolvendo assim, um estado de torpor (demonstra sentimentos e conduta de não ter sido afetado (a)), descrença e um estado de choque que tem duração de algumas horas ou semanas. Esta reação pode ser interrompida por uma crise de raiva ou desespero;
- Segunda fase: Anseio – É o momento de querer “buscar” a pessoa perdida, tem duração de alguns meses e por vezes anos. É o momento onde as pessoas confundem desconhecidos com o falecido. “(...) Lembranças intensas pelo ente querido, sensível a qualquer barulho que lembra a pessoa morta, volta a atenção para lugares que a pessoa gostava de frequentar, entre outras reações”;
- Terceira fase: Desorganização e desespero - é quando o real é assimilado, ou seja, a perda é tida como uma realidade, como se o mundo

estivesse fora de contexto para o enlutado que deixa de procurar pela pessoa, pois compreende que ela não mais vai voltar. Esta é considerada a fase mais difícil. Surgindo então o afastamento das pessoas e apresentando falta de interesse por qualquer atividade e dificuldade de se concentrar.

- Quarta fase: Reorganização – se inicia com o processo de recuperação. As emoções, os sentimentos frente a perda vão se tornando mais fortes e menos devastadores, podendo aceitar mudanças, surgindo nova identidade. Os enlutados buscam reatar laços antigos e fazer novas amizades. Ainda nessa fase, a recorrência dos sintomas é comum, pois o processo de reorganização ainda está em andamento.

Bowlby (1993) afirma ainda que estas reações não são bem delineadas, e pode acontecer da pessoa enlutada vivenciar duas fases destas ao mesmo tempo.

Klüber-Ross (1998) analisou o processo de luto vivenciado por pacientes que foram diagnosticados por doenças terminais e a partir desta análise elaborou cinco estágios básicos durante esse processo.

- Primeiro estágio: É o de negação e isolamento, onde paciente e familiares não aceitam o diagnóstico ou a morte. Este estágio ocorre devido o

18

ser humano não estar preparado para a morte, mesmo sabendo que ela é inevitável.

- Segundo estágio: É caracterizado pela raiva, momento em que o paciente, ou a pessoa enlutada, não compreende por que isso aconteceu justamente com ele, culpando tudo o que lhe cerca.

- Terceiro estágio: É o de barganha, um estágio curto, porém bastante

significativo, pois, se nos dois anteriores momentos o sentimento é de negação e raiva, culpando a Deus e a todos, nesse estágio há um tipo de trato. Assim o paciente usa como argumento de que se a raiva e o fato de não aceitar a situação não o favoreceu, talvez mudando o comportamento e tendo boas atitudes consiga reverter esse caso.

- Quarto estágio: esse estágio se caracteriza pelo sentimento de tristeza profunda, situação em que o paciente já não pode negar mais sua doença, bem como a família não pode negar a perda. O paciente sente-se triste e frustrado por não conseguir reverter sua situação, sentindo uma mistura de sentimentos e aflições, ansiedade e stress desencadeados pela certeza da morte.

- Quinto estágio: Esse é o estágio de aceitação, sendo o momento de despedida do mundo, de morrer tranquilo. Assim como a família, ele compreende que não há mais nada que se possa fazer.

Não é obrigatoriedade que todos vivenciem essas fases e nem nessa ordem.

As pessoas podem apresentar alguma ou outra das fases citadas acima, mas, as pesquisas mostram que a fase mais unânime em que as pessoas estão mais vulneráveis é a depressão.

2.1.2 Sentimentos frente à perda

Jaramillo (2006) afirma que “perder um ente querido é uma experiência vital irremediável, muito dolorosa e quase sempre difícil de assimilar. A dor varia segundo o vínculo construído, as necessidades pessoais que esse ser satisfazia em nós, os papéis que desempenhava em nosso mundo interno e no mundo social, os espaços que ocupava. [...] A maneira pessoal de viver os sofrimentos está ligada aos padrões

acerca do que é apropriado e do que não é apropriado em cada cultura, que fomos assimilando desde criança de nossos pais, familiares, professores, amigos e do encontro em geral. Por isso para cada um de nós existe uma espécie de princípios,

19

modelos ou “mandamentos”, sejam estes explícitos e verbalizados, ou implícitos, que caracteriza à nossa maneira de reagir diante do sofrimento”.

O sofrimento, como paralisação, é transformado em dor e, nesta, pode ser acrescido de calma e serenidade. Há que aprender a viver com esta ferida, que pode ser cuidada, mas que não será curada. A questão não é nos livrar do que aconteceu, a tarefa é a de avançar, a partir destas vivências. A amargura pode dar lugar para aceitação, o silêncio pode abrir espaço para comunicações de maior intimidade, a solidão pode ser transformada em oportunidade para aprender a ficar só e, também, a valorizar as amizades, e a desesperança pode se transformar na habilidade de esperar (TAVARES, 2001, apud, ODDONE; FUKUMITSU, 2008 p. 73).

Quando se perde alguém, sobretudo quando há muito pouco tempo para se preparar, fica-se com raiva, zangado, desesperado; provocando diversas reações. Worden (1998) diz que algumas pessoas têm dificuldades ao lidar com seus sentimentos em relação à perda, o que pode dificultar o desenvolvimento eficaz do luto.

“[...] as perdas desencadeiam um processo importante, que acaba se tornando uma das características necessárias e peculiares – a pausa, o espaço que intercala os ganhos da vida. Em outras palavras, é pelas perdas que paramos e nos damos a chance de reavaliar nossos passos; de olhar nossa condição de ser-no-mundo na qual o viver implica em compreender que somos finitos” (FUKUMITSU, 2004, p. 22 e 81).

O processo do luto tem significado e vivência individual, mas, não se pode esquecer que além do individual existe a família que também sofre nesse processo

de perda. Worden (1998) ressalta que a maioria das perdas significativas ocorre no contexto de uma unidade familiar, e é importante considerar o impacto da morte em todo o sistema familiar.

2.2 Família e seus laços afetivos

Para Zinker (2001) apud Batisteli (2009) família é “algo comum a todos, já que partimos do princípio que todos são integrantes de uma. A família é um sistema de indivíduos comprometidos a permanecer juntos por um extenso período de tempo, é uma unidade social, cultural e econômica da comunidade”. Já Osório (1996) define que a “família manifesta grande capacidade de sobrevivência, de adaptação. Mesmo apresentando diversidades, ela vem se recriando ao longo dos tempos, referindo-se aos questionamentos em relação à distribuição dos papéis masculinos e femininos,

20

surgindo assim novas estruturas sociais. Alguns fatores que interferem no tipo da família é o tipo de sociedade e a época vivida, assim como a família e seu modelo ideal, levando em consideração a sua composição durante sua trajetória, os diferentes fatores sociais”.

Dentro das famílias existem os papéis familiares, ou seja, são as funções, os papeis exercidos por cada membro da família dentro de sua estrutura, seja ela qual for, todos têm uma função. Por isso, Osório (1996) afirma também que “[...] A função da família é de garantir, ou pelo menos buscar fornecer os requisitos necessários para um bom desenvolvimento físico e psíquico dos filhos, destaca as funções biológicas, psicológicas e sociais da família, funções estas que estão ligadas uma à outra”.

Zinker (2001) descreve que “[...] atualmente não existe modelo de famílias, mas

sim famílias nas suas diversas condições”. Isso quer dizer que nos tempos atuais, as unidades familiares assumiram e assumem combinações diferentes de pessoas que integram as famílias e não mais estão no modelo de família de antes que era pai, mãe e filho. Família e afetividade são assuntos interligados, ou seja, desde quando se nasce a pessoa é envolvida diretamente por esses laços afetivos. Bader (2008) pontua que a família é justificada pelo valor do afeto, explicando assim, que é o único grupo que promove, sem separação, a sobrevivência biológica e humana. Dentro de um sistema familiar se tem um espaço privilegiado, onde se estabelecem relações de afeto, os pais são responsáveis pelos desenvolvimentos cognitivos, emocionais, físicos de seus filhos, até a vida adulta dos mesmos. A afetividade, não acaba a cada fase do desenvolvimento; ela é moldada, onde se constrói e se modifica de uma fase para outra.

Logo, sem o afeto, sem as relações afetivas, não existe motivação que leve o ser humano ao conhecimento. Na visão de Piaget, o afeto desenvolve um papel primordial no funcionamento da inteligência, pois segundo Piaget, “[...] não se poderia raciocinar sem vivenciar certos sentimentos e que, por outro lado, não existem afeições sem um mínimo de compreensão” (PIAGET, 1977).

Bowlby (1990) defende que os laços afetivos surgem de uma necessidade de segurança e proteção, iniciando no nascimento e tende a durar por todo o ciclo vital. Se o objetivo desse apego é manter esse laço afetivo, situações que colocam em perigo esse laço, dão origem a reações específicas, ou seja, quanto maior o potencial para a perda, mais intensas e mais variadas serão estas reações.

Quando um ente querido morre o impacto dessa morte percorre todo o sistema

familiar, Worden (1998) aborda que grande parte das famílias tem um equilíbrio homeostático e uma perda significativa, ou seja, de alguém da família, causa um desequilíbrio dessas homeostases, fazendo a família sofrer e não saber lidar com a difícil situação.

2.2.1 As consequências da morte do filho

Existe palavra como viúvo e viúva que é aquele ou aquela que sobrevive ao seu cônjuge (quando a parceira ou o parceiro morrem); existe a nomenclatura como órfão, para nomear a perda precoce do pai ou da mãe; Roitman, Armus e Szwarc (2002) observa-se que quando um pai ou mãe perde um filho, não existe denominação alguma. “Qualquer pai ou mãe sente que, nestes casos trágicos, parece que a vida o ataca em todas as frentes: há culpa, medo e frustração pela própria incapacidade de agir, ficam impotentes e se zangam pela própria impotência” (ODDONE; FUKUMITSU, 2008, p. 40).

Parkes (1998) diz que é possível afirmar que a perda do filho pode acarretar na vida dos pais problemas psicológicos ou psiquiátricos. São diversos os pais que se submetem a atendimentos, acompanhamentos psicológicos e/ou psiquiátrico como ajuda na dor sem fim. Essa ajuda os privam de futuras patologias e traumas que possam ser desencadeadas até mesmo os pensamentos ou tentativas suicidas.

“A morte de um filho, além do desgaste na vida do casal, leva a um abalo na vida dos outros filhos, que passam a ser vivenciar a síndrome do sobrevivente. [...] Além disto, têm que conviver com a fragilidade dos pais e, em algumas circunstâncias, se exige protegê-los. É comum a fantasia de que a sua própria morte levaria a um abalo emocional menor do que o luto vivenciado no momento. [...] os vivos continuam errando e o morto é idealizado. Isto pode agravar mais a comunicação familiar, onde cada componente da família para a representar, para os demais, que está tudo bem” (TAVARES, 2001 apud ODDONE; FUKUMITSU, 2008, p. 65).

Brown (2001), Walsh e McGoldrick (1998) e Shapiro (1994) apontam algumas condições que dificultam as reações da família à morte, são elas:

- A natureza da morte;
- O sistema de crenças na família evocando culpa e vergonha em torno da morte;

22

- A franqueza do sistema familiar;
- Comunicação disfuncional na família;
- A reação da família no momento da morte;
- Grau de disrupção das funções familiares.
- A existência de segredos familiares;
- Relações conflituosas ou rompidas na época da morte;
- Momento da morte no ciclo de vida familiar;
- A posição da pessoa que morreu ou está morrendo na família;
- Perdas anteriores;
- Outros estressores coincidindo com a perda;
- Os legados multigeracionais de lutos mal elaborados.

Dentre essas várias condições, algumas se destacam quanto aos aspectos que contribuem para o não desenvolvimento do luto saudável, como a difícil reorganização do sistema familiar, as perdas anteriores e os legados multigeracionais de lutos mal elaborados.

“Em geral, os familiares preferem ficar sozinhos logo que dão permissão para

fazer autópsia. Amargos, sentidos, ou apenas sedados, andam pelos corredores do hospital, incapazes, muitas vezes, de enfrentar a brutal realidade. [...] O vazio se faz sentir após o funeral, quando os parentes se retiram. É nessa ocasião que os familiares se sentiriam gratos se houvesse alguém com quem pudesse conversar, especialmente se este tiver tido contato recente com o falecido, podendo, assim, contar fatos pitorescos dos bons momentos vividos antes de ele morrer. Isto ajuda o parente a superar o choque e o pesar, preparando-o para uma aceitação gradual” (KLÜBER- ROSS, 1998, p. 182).

Worden (1998) aborda que o luto não desenvolvido faz com que o enlutado desenvolva patologias que tenham sido desencadeadas pela perda e luto. Isso ocorre pelo fato de como estão lidando com a perda, onde pode dar origem a problemas mais difíceis. Por isso, para cada pessoa e/ou família o luto tem um significado e lidando com a perda de formas diferentes, Nadeau (1997) refere-se à construção de significados como um processo familiar, ou seja, para a autora as famílias estão relacionadas a processos coletivos de atribuição de significado, encontrando o sentido da perda, que acarreta a construção de uma nova realidade familiar, desenvolvendo o luto de forma eficaz.

23

2.3 Desenvolvendo o luto

Bellato e Carvalho (2005) afirmam que as estratégias de enfrentamento são como mecanismo de defesa contra o que pode atrapalhar no não desenvolvimento saudável do luto, ou seja, as pessoas se adaptam de maneira que enfrentem tal momento, por isso é importante que toda a equipe de profissionais da saúde conheça quais estes mecanismos para intervirem de forma efetiva nas necessidades da pessoa enlutada.

“A morte de alguém amado nos aliena do mundo e do senso de self que se mantém na vida cotidiana no mundo com os outros. Ele por vezes “nos individualiza” jogando-nos em um mundo totalmente desprovido de sentido e âncoras” (SOPCAK, 2010, p. 90).

Ao desenvolver estratégias de enfrentamento é preciso estar ciente que essas estratégias podem não evitar o sofrimento, contudo podem ajudar na elaboração do luto de forma saudável. Hart (2008) se refere que cada pessoa terá uma vivência individual no desenvolvimento do luto, onde cada um possui diferentes maneiras para enfrentar este momento.

Existem pais que preferem não falar sobre a morte do filho para evitar sofrer ou ao contrário, falar do filho que já se foi, usando isso como forma de alívio para o sofrimento. Outros compensam vendo semelhanças do filho que morreu naquele que está vivo e também buscam a religião como uma forma de enfrentamento.

De modo geral, o desenvolvimento do luto depende inicialmente da aceitação da realidade vivida, após essa aceitação o enlutado começará as primeiras mudanças na sua vida, com as motivações e forças, a ideia de seguir em frente, deixando o passado ir, podendo até permanecer as lembranças, mas como algo que não atrapalhe ao ponto de paralisá-los na dor, principalmente quando se lembrar do filho que se foi.

Um sinal de uma reação de luto terminada é quando a pessoa é capaz de pensar na pessoa que faleceu sem dor. Existe sempre uma sensação de tristeza quando você pensa em alguém que amou e depois perdeu, mas é um tipo diferente de tristeza – falta o aspecto doloroso que havia antes. Uma pessoa pode pensar no falecido sem manifestações físicas, como choro intenso ou sensação de tensão no peito. Da mesma forma, o luto está

terminando quando uma pessoa pode reinvestir suas emoções na vida e no viver (WORDEN, 1998, p. 31).

O luto não é elaborado de forma rápida, ou seja, requer um tempo podendo ser a longo ou a curto prazo, o tempo varia de acordo com que a pessoa enlutada se desenvolva nesse processo, como afirma Worden (1998) é um processo de cortar laços, as pessoas enlutadas não percebem que leva tempo para se adaptarem à perda e todas as reações desencadeadas pela mesma. As tarefas (o desenvolvimento) do luto não concluídas podem até prejudicar, desencadeando traumas e até mesmo patologias, como por exemplo, a depressão.

2.3.1 Reorganização familiar

De acordo com Osório (1996) a família tem o poder de adaptar-se às diferentes circunstâncias e alterações em sua estrutura, promovendo uma nova conciliação e interagindo entre os seus integrantes.

Para cada pessoa o luto é significado de maneira diferente, cada membro da família enfrenta o processo de luto de maneira específica, e o que irá realmente diferenciar este enfrentamento é o papel do sujeito dentro da organização familiar, criando assim uma desestruturação nos diversos papéis, gerando uma crise diante da necessidade da família em continuar desenvolvendo seus diversos papéis, considerando a sobrecarga de sintomas que o luto acarreta para cada um deles (LABATE, 2006 apud BATISTELI, 2009 p. 17).

De acordo com Fukumitsu (2004) quando se reconhece que o luto é um processo, entende-se que ele pode ser um facilitador no entendimento da dor de pessoas que lidam com perdas. Assim, a vida é um grande processo de reciclagem,

algumas perdas na vida requisitam mais do que nossa aceitação. Outras, requisitam um trabalho ativo dentro de cada um, começando a reciclagem. Cada pessoa é responsável pelo seu luto, pois nele pode ser descoberto o seu próprio caminho para lidar com as perdas, esse processo implica tanto em uma reorganização individual, quanto em uma reorganização relacional.

Nadeau (1997) pontua a construção de significados como um processo familiar, ou seja, para a autora as famílias estão relacionadas a processos coletivos de

25

atribuição de significado, encontrando o sentido da perda, que acarreta a construção de uma nova realidade familiar.

A comunicação disfuncional na família é um fator que é agravado diante de uma morte. Os autores Shapiro (1994), Walsh e McGoldrick (1998) concordam que é importante ter comunicação aberta dos sentimentos, porque à medida que essa comunicação é de forma aberta os membros familiares poderão falar de seus problemas sem medo, entendendo o que a morte significa para cada um e como tem vivenciado esse processo.

A comunicação é uma das formas de restabelecer o relacionamento familiar em um momento de luto. Mas, não só a comunicação, para Bromberg (1985) diz que para os familiares, a morte de uma criança permite a aproximação com a própria finitude, a quebra do vínculo muito forte causa alterações e suscita uma nova adaptação.

A reorganização dos papéis que cada indivíduo tem no ciclo familiar é parte importante desse processo também, ou seja, o reestabelecimento das funções de cada um dentro da família, principalmente quando há a perda de um ente querido. Bee (1997) descreve que um papel é o conteúdo de uma posição social, ou seja, são

os comportamentos e características esperados da pessoa que ocupa tal posição.

Para Bowlby (1980) e Sanders (1999) essa fase de reorganização ou cicatrização como chamam é o momento em que as pessoas enlutadas assumem o “controle” de suas vidas outra vez, produzindo uma sensação de esperança, aonde o processo do luto vai se desenvolvendo de forma saudável.

2.3.2 Espiritualidade

Carvalho (2006) realizou um estudo com 95 pessoas enlutadas, divididas em dois grupos, um grupo pertencia a uma crença e o outro grupo não tinha religião. Após ouvi-los pode concluir que as pessoas que possuíam uma crença, elaboravam o luto a curto prazo, quando comparadas com as que não tinha religião. Encontraram na fé um auxílio e com isso afirma que “[...] a religião possui um efeito de conformação para as pessoas que a seguem, é como uma explicação para o que não se conseguem explicar”. Os pais enlutados se apegam a sua fé diante dos acontecimentos, mas também, tem aqueles que questionam o porquê de isso ter acontecido, como afirma Oddone (2008) quando fala que é incomum praguejar contra a injustiça de Deus ou

26

do universo. Outros, talvez mais agnósticos ou niilistas, acabam acomodando-se na compreensão de que a injustiça pode ser na realidade, indiferença cósmica.

Para Jaramillo (2006) a força e a esperança estão em entender que todas as vivências de perdas são estranhas, distantes do comum, estando dentro do esperado em um luto que evoluciona de forma típica, e as crises ou tristezas em datas ou cenários especiais ou temporários não representam um sinal de alarme quanto à

recuperação e a qualidade do luto.

A espiritualidade é um auxílio que tem dado certo quando trabalhado em várias demandas. A fé em acreditar em algo superior serve como ajuda em vários processos e principalmente vêm apresentando bons resultados.

O psiquiatra Frankl (2005) afirma que o homem religioso é capaz de assumir a sua vida como uma missão cumprida. A experiência religiosa se torna importante na busca de uma vida plena de sentido, mesmo no sofrimento.

Para Fowler (1992) a fé é uma postura existencial dinâmica que molda as ações e reações do indivíduo em face do mundo. Então, é a fé que vai auxiliar a formar as iniciativas e respostas, orientando as interpretações, ou seja, a fé torna-se um fator que integra a pessoa e revela sua influência diante da perda de alguém amado.

Até aqui foi falado da fé que os pais e familiares buscam como auxílio, mas nem sempre estes encontrarão na fé essa ajuda no alívio da dor, pois pode acontecer ao contrário, a fé pode ser perdida quando acontecer a perda.

2.3.3 O papel do psicólogo na demanda de luto dos pais

A atuação do psicólogo ajuda a oferecer acolhimento para pais enlutados, para que os mesmos enfrentem tal processo da forma mais saudável possível. É necessário que o psicólogo esteja preparado tanto teoricamente, conhecendo os processos do luto e como trabalhar na demanda proposta, quanto psicologicamente, pois não se sabe quais reações o enlutado poderá desenvolver com a perda.

Jaramillo (2006) descreve que os sentimentos e emoções se transformam, se alteram ou modulam, as necessidades pessoais se alteram e a capacidade de enfrentar de novo a vida vai pouco a pouco aumentando.

É necessário trabalhar os processos de luto, desses pais, além também de dar suporte (acolhimento) aos demais membros da família, ou seja, trabalhar os papéis exercidos dentro do ciclo familiar, na reorganização familiar, no significado de cada

27

um dentro do espaço familiar e de como os mesmos voltarão aos seus relacionamentos interpessoais e suas rotinas, cuidando da sua saúde psíquica.

Quem vive a perda pode às vezes se assustar, se mostrar surpreendido ao ver que em um “curto tempo” consegue reorganizar-se de novo, retomando a “viver” depois da morte do filho, achando que seria inimaginável sua superação. Ao pensar na perda entende-se que não é fácil, é doloroso, difícil, nunca esquecido, mas que pode ser reversível a maneira em que a pessoa enlutada se entregar ao processo de desenvolvimento do luto.

A aceitação da morte do filho é o início de um processo de luto saudável, como afirma Oliveira e Lopes (2008) ao se referir que o processo de luto se mostra conscientemente aceito quando a morte é tida como real e o enlutado demonstra querer novas mudanças em sua vida, aliando-se a recuperação quanto aos sentimentos em relação à pessoa que faleceu. Neste caso, o reconhecimento desta perda está na aceitação da realidade, identificando assim um luto bem elaborado, neste processo não se pode afirmar ainda que o luto tenha sido totalmente desenvolvido.

Para Hart (2008), o processo de luto acontece quando ocorrem mudanças psicológicas, e a primeira delas é a aceitação do real, com isso a pessoa entenderá que a morte aconteceu e não haverá mais relacionamento com aquele que se foi.

Não somente o psicólogo, mas de forma geral toda a equipe que se envolver

com a demanda, sejam médicos, enfermeiros, ou seja, toda a equipe deve estar preparada, para dar suporte necessário nessa hora tão difícil. O que se deve sempre lembrar que por mais que a dor seja a mesma entre pais enlutados, cada caso deve ser tratado em sua singularidade.

Bowen (1998) diz que é importante conhecer o contexto de toda a família enlutada, a posição de funcionalidade da pessoa que faleceu (o papel que a mesma exercia dentro do sistema familiar), o nível total de adaptação a vida é importante para cada um que tenta ajudar essa família, seja antes, durante e depois de uma perda.

28

3 METODOLOGIA

No desenvolvimento deste trabalho foi realizada uma pesquisa de procedimento bibliográfico. Após a escolha do tema houve o levantamento da literatura disponível. Houve uma pesquisa no Google Acadêmico e em outras ferramentas *online* de forma delimitada, para essa busca mais avançada foram utilizadas as palavras chaves: “Morte, luto, pais enlutados, perda do filho, família enlutada, psicologia do luto, sofrimento, intervenções no luto”. Utilizou-se também o critério de pesquisa por meio de anos, pesquisando trabalhos escritos entre os anos de 2005 a 2015.

Quando pesquisado com as palavras chaves e trabalhos escritos por ano como citados acima, foram encontrados aproximadamente 1.200 (mil e duzentos) trabalhos escritos referentes ao tema do presente estudo, destes foram escolhidos apenas 08 (oito) trabalhos científicos que serão apresentados na Tabela 1. Os métodos de inclusão destes artigos consistiram na relação dos mesmos com o estudo proposto,

ou seja, o papel da psicologia nas estratégias de enfrentamento de pais que convivem com a dor da perda do filho e também por serem trabalhos de procedimento a campo, para que pudesse relacionar a teoria e prática do papel da psicologia na demanda de luto.

Dos trabalhos selecionados (ver Tabela 1) foram verificados dados como objetivos e resultados, assim como as literaturas disponíveis direcionadas ao tema da pesquisa, a fim de uma melhor compreensão e apresentação dos mesmos, para subsidiar a realização do presente estudo bibliográfico.

29

Tabela 1 – Apresentação dos artigos que foram pesquisados através do Google Acadêmico os quais fizeram parte e atenderam aos critérios de inclusão previstos para o desenvolvimento do trabalho.

AUTOR ANO TÍTULO ASSUNTO

BATISTELI, Paula. Josiani
2009

O processo de luto de pais e mães que perderam seus filhos em decorrência de morte não natural.

Como os pais enfrentam o luto da perda do filho de forma súbita.

CARLESSO, Regina Disaró. Denise
2008 Desamparo Diante Da

Perda Do Filho.

Descreve o desamparo dos pais causado pela morte do filho.

DELALIBERA, Mayra; PRESA, Joana; COELHO, Alexandra; BARBOSA, António; FRANCO, Maria Helena Pereira.

Uma revisão sistemática da literatura sobre a influência Da dinâmica familiar no processo de luto Em familiares adultos.

FREITAS,
Joanneliese de
Lucas.
A Dinâmica Familiar No
2014

Processo De Luto: Revisão Sistemática Da Literatura.

Luto e fenomenologia: 2013
uma proposta

A compreensão do luto na abordagem fenomenológica.

compreensiva.

LUNA, Ivânia Jann. 2014

Histórias De Perdas: Uma Os Proposta De (Re) Leitura Da Experiência De Luto.

profissionais de psicologia

que atuam junto à problemática da morte e da perda.

PASA, Lorandi. Fabiane Maria

2013 *“Eles Partiram Cedo”*:

Morte, Luto E Resiliência Diante Da Fé Cristã.

O objetivo deste estudo esteve centrado na pergunta fundamental sobre a fé cristã na

Ressurreição como resiliência para o luto.

SILVA, Juliana Dalcin Donini; SALES, Catarina Aparecida.

Do Imaginário Ao Real: A Experiência De Pais Enlutados.

Pais que experienciaram a morte do filho ainda em seu nascimento.

WAINSTOCK, Betty Carakushansky.

2012

2013 Filhos que vão, pais que

ficam: A web como recurso de comunicação durante o luto.

Aborda especificadamente a manifestação do luto por um filho nas comunidades criadas na rede social Orkut. Fonte: XAVIER, Gabriela Medina. A perda do filho: uma dor de difícil cicatrização.

Palmas-TO, 2015

30

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Os seres humanos têm a facilidade de esconderem-se da realidade causada pela perda de alguém, um exemplo é a morte, principalmente quando esta se trata de um ente querido ou de uma pessoa bem próxima, seja ela em qualquer âmbito que aconteça ou o grau de afinidade entre as pessoas que sofrem com a fatalidade. As pessoas não buscam pensar na morte como algo natural ou concreto, mesmo que saibam que um dia ela acontecerá.

Como afirma Silva e Sales (2012) quando o filho é esperado, planejado, não somente os pais, mas também toda a família é contagiada por sentimentos e afetividades de laços parentais e quando são interrompidos pela morte desse bebê

todos e principalmente os pais sentem-se como se os seus sonhos morressem. Desenvolvendo sentimentos de incapacidade, de culpabilidade que os envolve fazendo com que percam o sentido da vida, preferindo manter-se muitas vezes em seus “casulos” de dor, sofrimento e vazio.

Já para aqueles pais que puderam conviver mais com o filho e logo os mesmos são acometidos pela morte, a perda faz com que a aceitação da morte do filho em muitos casos demore. Começar de novo torna-se difícil e principalmente por não ter o filho de volta. Mesmo quando tem uma doença, os pais ainda têm certa esperança que isso vai ser mudado, vai se reverter. Já na morte de forma inesperada é algo trágico de uma violência que é muito difícil.

Quando ocorre a morte do filho seja de morte natural (por uma causa) ou não natural (repentina), acontece uma desorganização psíquica, a desorganização familiar, principalmente quando a morte não é aceita e o luto não é bem desenvolvido. Carlesso (2008) em uma de suas entrevistas diz que a mãe ao se deparar com a morte da filha se sentiu em seu nível máximo de culpa, que gerou traumas e angústia de aniquilamento, a morte da filha não era vista como a perda de uma parte de si, mas uma perda de si própria.

Muitos pais usam o luto como uma recriação de doar para os outros, de ajudar o outro, usando a dor como uma missão para a vida. Muitos pais procuram se aproximar daqueles que também sofreram a mesma dor, ajudando-os. “Estes pais encontram também nas mídias sociais uma forma de desabafarem tudo o que estão passando” (WAINSTOCK, 2013). As lembranças sempre estarão presentes e em alguns momentos pode haver recaídas de profunda tristeza, as memórias da pessoa

que se foi não pode dar lugar ao sofrimento de não querer continuar no processo de desenvolvimento do luto.

A forma como o outro chegará para ajudar o enlutado tem um papel importante naquele momento de sofrimento. Tem aqueles que não sabem o que dizer e com muitos acontecem isso. A empatia, o se colocar no lugar do outro e se ver na realidade do sofrimento, muitas vezes alivia a nós mesmos. Pasa (2013) relata a fala de uma das mães entrevistadas que diz: *“Se ouve muita coisa que não significa nada, que, desculpe, mas é até bobagem. Então não marca, não ajuda”* (mãe n. 3). O acolhimento, o estar à disposição para ajudar em algo muitas vezes é mais significativo e principalmente quando se respeita as fases e reações do luto.

Mesmo que vários pais passem pela perda do filho e se encontrem em um mesmo estado emocional ou sofrimento, cada luto, cada processo da perda será de forma individual como Luna (2014) afirma a respeito dos “significados do enlutamento” de como cada pessoa nomeia e narra a sua experiência dolorosa de sofrimento.

Não somente os pais enlutados precisam de um acompanhamento, mas toda a família, a mesma passa por todo o processo de perda e de readaptação, seja social ou familiar. São necessárias intervenções voltadas tanto para o trabalho individual com cada um, como também para toda a família enlutada. Delalibera et al. (2014) aborda sobre a importância do acompanhamento da dinâmica familiar, não somente no início do luto, mas depois, é de grande valia, muitos querem acompanhar o enlutado quando ele está passando pelo período de luto, de sofrimento, não se atentando por todo o sistema familiar enlutado e de como os seus papéis serão reorganizados. Nota-se que são poucos os estudos voltados para este tema, os próprios autores citados acima encontraram a dificuldade de encontrar estudos sobre

o assunto.

O primeiro passo é dado pelos pais ou família enlutada, quando os mesmos decidem procurar ajuda de profissionais, buscando sua ressignificação como pessoa, aprendendo a ausência-presença do outro, como afirma Freitas (2013). O foco principal deste estudo é o profissional de psicologia, mas ao ler os artigos para a elaboração deste trabalho, observou-se que em cada entrevista realizada com estes pais, onde compartilham do mesmo sofrimento, da mesma luta diária de superar a dor que os paralisam, nota-se que a equipe que recebe esta demanda de pais enlutados, precisa de mais preparo, desde aqueles que prestam os primeiros socorros aos pais e família da vítima até aos encaminhamentos que são feitos aos mesmos. De modo

32

geral, os artigos estavam relacionados a mesma questão, de como os profissionais, sejam eles de diferentes áreas não estão preparados e qualificados para lidar com tal caso. Pode-se avaliar também que há conhecimentos que possam ser diligentes para se trabalhar com tal demanda em consultórios psicológicos e assim, desenvolver intervenções para se trabalhar com o luto de pais e seus familiares.

33

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em decorrência de casos expostos pela mídia, que causaram comoção, como os casos de Isabella Nardoni de cinco anos que foi morta pelo pai e madrasta no dia 29 de Março de 2008 e o incêndio na boate Kiss no dia 27 de Janeiro de 2013 em Santa Maria no Rio Grande do Sul, onde 242 pessoas foram mortas e outras tragédias que envolveram a perda de filho surgiu o interesse de estudar e então desenvolver

este estudo de como pais convivem com luto da perda do filho e como a psicologia trabalha nesse processo e como uma futura psicóloga poder auxiliar também outras pessoas a lidarem com esta perda.

A morte como já citado era considerado um “tabu social”, e até hoje as pessoas têm medo de falar sobre a mesma e muitas vezes não aprendem à aceita-la. Pela “lei natural” os mais velhos que morreriam primeiro, neste caso, os filhos que enterrariam seus pais e não ao contrário. Mas, na realidade a vida e a morte são cercadas de mistérios e falar sobre esta se torna difícil, principalmente quando é para descrevê-la.

Buscou-se entender o que é morte e luto, tendo como base as pesquisas de campo realizadas (Ver tabela 1) e também pelos principais estudiosos sobre o tema. Depois disto, foi abordado sobre os laços familiares afetivos e então tratou-se desse luto, considerado um dos lutos mais dolorosos.

O luto de pais que perderam seus filhos é marcado pelo vazio, dor e sofrimento, sentimentos estes que os levam a despertar, a pensar sobre a própria finitude. O impacto da perda traz a estes pais e familiares uma sensação imaginável ou esperada, trazendo a eles sensações de incapacidade, culpabilidade, tristeza e muitas vezes um sentimento de revolta por não encontrar resposta ou não entender porque tal fatalidade.

Foi identificado nesta pesquisa que o sofrimento, a dor de pais e mães tem uma longa duração, tornando-se um sentimento atemporal. A saudade de tocar o filho, sentir, por meio de fotos, lembranças, desenhos, recordações de vivencia familiar e sociais também ditas por pessoas próximas a vitima.

O luto foi notado como um processo individual, ou seja, singular e doloroso, porque as lembranças continuam presentes. Os pais têm como papel se reorganizarem de forma psicossocial. Não só os pais sofrem com a perda, é relevante

também o sofrimento em que a família como um todo passa por essa fatalidade e

34

reorganização, principalmente dos papéis exercidos por cada um no ambiente familiar, tendo que se adaptar a perda.

A espiritualidade tem sido um papel fundamental juntamente com a psicologia. Muitas pessoas estão vinculadas a uma fé e acreditam em uma força superior ou em vários, constituindo uma sustentação para o momento difícil que tem servido como auxílio em seus tratamentos psicológicos e usam tal fé para diminuir dor, encontrando esperança para viver sem que essa dor os paralise.

Por fim, considera-se o resultado desta pesquisa satisfatório quanto ao objetivo geral proposto de conhecer como é o papel da psicologia nas estratégias de enfrentamento de pais que convivem com a dor da perda do filho. Mas é importante ressaltar que todos que estiverem em contato, seja de forma direta ou indireta, com esses pais e familiares, devem estar preparados e qualificados para as diversas reações dos mesmos, desde a notícia até os procedimentos que serão realizados com os enlutados e por ser um processo vivido de forma individual por cada um, estar atentos para essa singularidade dos pais e seus familiares.

35

REFERÊNCIAS

ARIÉS, P. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

AUGUSTO, M. H. O. Tempo e indivíduo no mundo contemporâneo: o sentido da morte. **Psicologia USP**. São Paulo, v. 5, n. 1-2, 1994. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-

51771994000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 15 set. 2015.

BADER, S. "Família e afetividade: a configuração de uma práxi, ético-político, perigos e oportunidades". In: A. Acosta e M. Vitale, **Família: Redes e laços políticos públicas**. (4 Ed.). SP: Cortez: Instituto de Estudos Especiais - PUC/SP, 2008.

BATISTELI, J. P. **O processo de luto de pais e mães que perderam seus filhos em decorrência de morte não natural**. Trabalho de conclusão de curso – TCC. Itajaí – SC, 2009, p. 52. Universidade Vale do Itajaí – Centro de Ciências da saúde – Graduação em Psicologia. Disponível em: <http://siaibib01.univali.br/pdf/Josiani%20Paula%20Batisteli.pdf>. Acesso em: 27 Fev. 2015.

BEE, H. **O ciclo vital**. Trad. Regina Garcez. – Porto Alegre: Artmed. 1997.

BELLATO, R; CARVALHO, E. C. O jogo existencial e a ritualização da morte. **Revista Latino-em Enfermagem**. v. 13, n. 1, p. 99-104, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v13n1/v13n1a16.pdf>>. Acesso em: 15 de junho 2015.

BOWLBY, J. **Apego e perda**. V.3: perda: tristeza e depressão. Tradução Valtensir Dutra. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes (Psicologia e Pedagogia)1993.

_____. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. São Paulo, Martins Fontes (1990)

_____. **A reação da família à morte**. (1998). In F.Walsh, & M. McGoldrick (Eds.), **Morte na família: sobrevivendo às perdas** (pp.105-117). Porto Alegre: Artmed.

BROMBERG. A psicoterapia em situações de perdas e luto. Campinas: Livro Pleno, 1985. In: SOARES, E. G. B.; MAUTONI, M. A. de A. G. **Conversando sobre luto**. Editora Livro Pleno, 2007.

BROWN, F. H. (2001) **O impacto da morte e da doença grave sobre o ciclo familiar** In: B. Carter &, M. MacGoldrick (Orgs.), **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. (p. 393-414). Porto Alegre: Artes Médicas.

CARLESSO, D. R. D. **Desamparo diante da perda do filho**. **Revista da SBPH**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, jun. 2008 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582008000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 30 de Agosto de 2015.

CARVALHO, C.D.R. **Luto e Religiosidade**. Monografia para obtenção da licenciatura em Psicologia do Instituto Superior da Maia. Orientador: Professor Doutor José Martins. Portugal, 2006.

DELALIBERA, M. et al. A dinâmica familiar no processo de luto: revisão sistemática da literatura. **Ciências saúde coletiva**. Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, p. 1119-1134. 2015 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232015000401119&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 30 de Agosto. 2015.

FUKUMITSU, K. O. **Uma visão fenomenológica do luto: Um estudo sobre as perdas no desenvolvimento humano**. São Paulo – Editora livro pleno, 2004.

FREITAS, J. de L. Luto e fenomenologia: uma proposta compreensiva. **Revista abordagem gestalt**. vol.19 no.1 Goiânia jul. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180968672013000100013. Acesso em: 25 de Julho de 2015.

FRANKL, V. **Um sentido para a vida**. 13. ed. São Paulo: Ideias & Letras, 2005.

FOWLER, J. **Estágios da fé**. São Leopoldo: Sinodal, 1992, p. 82-85.

HART, C.F.M et al. **Câncer: Uma abordagem psicológica**. Porto Alegre: ed. AGE, 2008.

JARAMILLO, I. F. de. **Morrer bem**. Compilação Patrícia Dimaté Castellanos; Tradução Magda Lopes. – São Paul: Editora Planeta do Brasil, 2006

KUBLER-ROSS, E. The wheel of life – a memoir of living and dying. New York: A Touchstone Book, 1997. In: FUKUMITSU, K. O. **Uma visão fenomenológica do**

37

luto: Um estudo sobre as perdas no desenvolvimento humano. São Paulo – Editora livro pleno, 2004.

KUBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e morrer: O que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos próprios pacientes / Elisabeth Kubler-Ross; [tradução de Paulo Menezes]. – 8 ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1998.**

LABATE, R.C.; BARROS, G.C. Uma possibilidade de escuta a uma família enlutada: ressignificando a experiência de perda. **Revista da SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo**. Jan.-Jun. 2006, Vol. 7, N. 1, pp. 50-57. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v7n1/v7n1a07.pdf>

LUNA, I. J. **Histórias de perdas: Uma proposta de (Re) leitura da experiência de luto**. Florianópolis, SC, 2014. 289 p. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/129248/329990.pdf?sequence=1>. Acesso em: 30 de Agosto de 2015.

NADEAU, J. W. **Families making sense of death**. Londres, Sage Publications, 1997.

ODDONE, H. R.B.; FUKUMITSU, K. O. **Morte, Suicídio e Luto: Estudos Gestálticos**. São Paulo: Editora Livro Pleno, 2008, v. 1, p. 61-75.

OLIVEIRA, J. B. A.; LOPES, R. G. C. O processo de luto no idoso pela morte de cônjuge e filho. **Psicologia em Estudo. Maringá**. v. 13, n. 2, p. 217-221, abr./jun., 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n2/a03v13n2.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2015.

OSORIO, L.C. **Família hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PARKES, C.M. Luto – Estudos sobre a perda na vida adulta. Trad. De Maria Helena Franco Bromberg. São Paulo: Summus Editorial, 1998. In: BATISTELI, J. P. **O processo de luto de pais e mães que perderam seus filhos em decorrência de morte não natural**. Trabalho de conclusão de curso – TCC. Itajaí – SC, 2009, p. 52. Universidade Vale do Itajaí – Centro de Ciências da saúde – Graduação em Psicologia. Disponível em: <http://siaibib01.univali.br/pdf/Josiani%20Paula%20Batisteli.pdf>. Acesso em: 27 Fev. 2015.

38

PASA, F. M. L. **“Eles partiram cedo”:** **Morte, luto e resiliência diante da fé cristã**. Ed. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2013. Disponível em: http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/5282?locale=pt_BR. Acesso em: 20 de Agosto de 2015.

PASSOS, R. H. **A Morte Como Fato da Vida**. Florianópolis – SC. 2005. Disponível em: www.sistemica.com.br/docs/artigo_rose.doc. Acesso em 12 de jun. de 2015.

PIAGET, J. **Psicologia da Inteligência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

ROITMAN, A; ARMUS, M; SZWARC, N. EL duelo por la muerte de um hijo. Aperturas psicanalíticas. **Revista de psicanálises**. Madrid, n. 12, 2002.

SANDERS, C. **Grief: the mourning after: dealing with adult bereavement**. 2nd. ed. New York: John Wiley & Sons, 1999

SHAPIRO, E. (1994). **Grief as a Family process: a developmental approach to clinical practice**. New York: The Guildford Press.

SILVA, J. D. D.; SALES, C. A. Do Imaginário ao real: a experiência de pais enlutados. **Revista Rene**. 2012; 13(5):1142-51. Disponível em: www.revistarene.ufc.br/revista/index.php/.../76/pdf. Acesso em 30 de Agosto de 2015.

SOPCAK, P. In memorian: the experience of eulogizing a loved one. **Phenomenology & Practice**, 4 (2010), p. 88-96, Recuperado de www.phandpr.org. Disponível em: <https://ejournals.library.ualberta.ca/index.php/pandpr/article/viewFile/19829/15347>

TAVARES, G.R. Reflexões sobre Nossa Finitude: agrupar pessoas pode gerar mudanças de atitude. In: ODDONE, H.R.B.; FUKUMITSU, K. O. (Org.). **Morte, Suicídio e Luto - Estudos Gestálticos**. São Paulo: Editora Livro Pleno, 2008, v. 1, p. 61-75.

WAINSTOCK, B. C. **Filhos que vão, pais que ficam: A web como recurso de comunicação durante o luto**. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: http://www2.dbd.pucRio.br/pergamum/tesesabertas/0912872_2013_completo.pdf. Acesso em: 25 de Julho de 2015.

39

WALSH, F., & MCGOLDRICK, M. A perda e a família: uma perspectiva sistêmica. In: WALSH, F., & McGoldrick, M (Eds.). **Morte na família: sobrevivendo às perdas** (pp.27-55). Porto Alegre: Artmed, 1998.

WORDEN J.W. **Terapia do Luto: um manual para o profissional de saúde**

mental. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

ZINKER, J.C. A busca da elegância em psicoterapia: uma abordagem gestáltica com casais, famílias e sistema íntimos. São Paulo: Editora Summus, 2001.